

GREVE COMPLETA

O Comando Nacional dos Bancários rejeitou na mesa de negociação a nova proposta apresentada pela Fenaban na sexta-feira 9, quarto dia da greve nacional da categoria, que eleva de 6,5% para 7% o reajuste do salário (2,39% abaixo da inflação), da PLR e demais verbas salariais e aumenta o abono para R\$ 3.300, mas continua ignorando as reivindicações sobre emprego, saúde, condições de trabalho, segurança e igualdade de oportunidades.

Nova rodada de negociação foi marcada para esta terça-feira (13), às 14h, em São Paulo.

"Além de ser uma proposta muito insuficiente nas cláusulas econômicas, abaixo da inflação, os banqueiros desprezam nossas reivindicações sociais, que consideramos muito importantes, como garantia de emprego, saúde e condições de trabalho, combate ao assédio moral, segurança e igualdade de oportunidades", afirma **José Avelino**, presidente da Fetec-CUT/CN e integrante do Comando Nacional.

"E deixamos mais uma vez claro para os banqueiros que os bancários insistem no aumento real e na valorização do piso e não aceitam trocar reajuste por abono, porque essa é uma armadilha que traz per-

das presentes e futuras para a categoria, como já ocorreu na década de 1990 durante os governos de Fernando Henrique Cardoso. Esperamos que no dia 13 os bancos apresentem uma proposta que contemple nossas reivindicações", acrescenta Avelino.

Segundo cálculo do Dieese, com a política de reajustes abaixo da inflação e concessão de abonos, de 1995 a 2002 (os dois governos FHC) os bancários dos bancos privados tiveram perdas de 4,60% nos salários; os do Banco do Brasil, 33,53%; e os empregados da Caixa, 37,38%.

"Os bancos continuam tendo lucros astronômicos e podem perfeitamente atender às reivindicações da categoria. Para pressionar os banqueiros, a única saída é intensificar a mobilização e ampliar a greve em todo o país", conclui o presidente da Fetec-CUT/CN.

Os bancários entraram no sétimo dia da greve intensificando ainda mais o movimento em resposta à proposta com índice rebaixado da Fenaban, apresentado na sexta-feira (9) ao Comando Nacional dos Bancários, que eleva de 6,5% para 7% o índice de reajuste (2,39% abaixo da inflação). Além disso, os banqueiros seguem ignorando as reivindicações sobre emprego, saúde, condições de trabalho, segurança e igualdade de oportunidades.

A expectativa é de que na nova mesa

de negociação, que ocorre nesta terça (13), às 14h, em São Paulo, os representantes dos banqueiros apresentem uma proposta decente, que atendam as reivindicações da categoria.

Até agora, 11.531 agências e 48 centros administrativos tiveram as atividades paralisadas em todo o país. O número representa 48,97% de todas as agências do Brasil. A mobilização cresceu 15%, na comparação com a sexta-feira.



NESTA
TERÇA TEM
NEGOCIAÇÃO
COM A
FENABAN

BANCÁRIOS COBRAM PROPOSTA DECENTE

A GREVE NÃO É SÓ POR AUMENTO SALARIAL

Os bancários entraram no quarto dia de greve em todo o país com a expectativa de que a extensa pauta de reivindicações da categoria, aprovada em julho, fosse atendida pela Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) na nova rodada de negociações que aconteceu na sexta-feira (9) - o que não ocorreu.

Rejeitada de pronto na mesa pelo Comando Nacional dos Bancários, a proposta de reajuste, que passou de 6,5% para 7%, se mantém aquém da inflação projetada para o período, de 9,57%, e impõe sérias perdas aos trabalhadores, assim como também significa um grande retrocesso a política de abono que os banqueiros insistem em empurrar goela abaixo na categoria.

A paralisação, contudo, não é só pelos 14,78% de aumento salarial reivindicado. É também pelo fim das metas abusivas e sobrecarga de trabalho, contra as demissões, as terceirizações, a falta de segurança e a precarização das condições de trabalho. O combate ao assédio moral, prática constrangedora e condenável que leva os trabalhadores ao adoecimento, também está entre as principais demandas da categoria.

Só que, em relação a esses pontos, a proposta oferecida pelos representantes do patronato é ainda pior do que a que trata das cláusulas econômicas.

Veja pelo que os bancários também lutam.

MAIS EMPREGOS

Embora seja o setor que mais lucra no Brasil - foram R\$ 30 bilhões só no primeiro semestre deste ano -, o sistema financeiro continua com sua onda de demissões. Os números são alarmantes. Apenas de janeiro a maio de 2016, já foram fechados 5.998 postos de trabalho. Em relação ao mesmo período do ano passado, o corte de vagas mais que dobrou, com crescimento de 105,05% (em 2015, o saldo foi de 2.925 no mesmo período analisado). Cobrada na mesa de negociação, a Fenaban se limitou a dizer que o debate sobre empregos deve ser feito banco a banco.

LUTA CONTRA AS REFORMAS TRABALHISTA E DA PREVIDÊNCIA

Diante da ameaçadora conjuntura política e econômica, com as flagrantes ameaças aos direitos da classe trabalhadora patrocinadas pelo governo Temer, os bancários também estão mobilizados contra retrocessos que podem significar até mesmo o fim de conquistas históricas. Nesse sentido, vão reforçar a luta contra as já anunciadas reformas da Previdência e da CLT. Para o Sindicato, esses ataques são a comprovação de que os empresários financiaram o golpe e agora cobram a fatura - dos trabalhadores.

IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

A promoção da igualdade de oportunidade para todos também é uma frente de mobilização.

No caso das mulheres, mesmo sendo praticamente metade da categoria, elas ganham em média 22,1% menos que homens, sem contar que encontram mais dificuldades na ascensão da carreira. Mas a Fenaban remeteu novamente à mesa temática o debate de igualdade salarial e de ascensão profissional entre homens e mulheres.

SEGURANÇA

Em relação à segurança, os bancários reforçam a necessidade de portas giratórias nas agências, já que muitas ainda não possuem o item de segurança. A instalação de biombos nos caixas eletrônicos e o fim das guardas das chaves pelos trabalhadores também estão na minuta aprovada.

AGÊNCIAS DIGITAIS

Na pauta também constam reivindicações específicas sobre as agências digitais e sobre novas tecnologias. Relativamente novo no setor bancário, o tema contém muitos aspectos a serem regulamentados.

SAÚDE

Estão na pauta a melhoria nos programas de retorno ao trabalho, participação dos trabalhadores e dos sindicatos nas questões de saúde, além do acesso a informações retidas pelos bancos.

O combate aos assédios moral e sexual está entre as principais reivindicações, assim como a questão das metas, que interferem na saúde do trabalhador. Segundo um estudo do Sindicato, cerca de 40% dos bancários e bancárias do DF estão em risco de adoecimento, 60% já sofreram assédio moral e 70% vivenciam a indignidade. O levantamento foi feito com 2.111 bancários, com idade média de 38 anos e cerca de 13 anos de banco.

TERCEIRIZAÇÃO

O combate à terceirização sem limites também é uma bandeira de luta da categoria. Estudo do Dieese aponta que um trabalhador terceirizado ganha em média 27% menos, trabalha três horas a mais por semana e fica cerca de 2,6 anos a menos no mesmo emprego. No setor bancário, um terceirizado chega a ganhar até 70% menos do que um funcionário do banco.

NÃO FICARÁS INDIFERENTE A 'AQUARIUS'

Filme cujo elenco protagonizou protesto no Festival de Cannes denunciando o golpe levado a cabo pelo agora presidente Michel Temer, Aquarius conta a história de Clara, tendo como pano de fundo o movimento Ocupe Estelita, que se opõe à especulação imobiliária na capital pernambucana. Nos cinemas.